

Brasil já negocia com o Clube de Paris

Esta semana, Mailson tem encontros informais em Paris. Dia 28, uma reunião decisiva

REALI JÚNIOR
Correspondente

PARIS — O Brasil está deflagrando a partir de hoje o processo de reescalonamento de sua dívida com o Clube de Paris, após ter concluído um acordo com os bancos envolvidos com sua dívida comercial e de encontrar-se em fase final a negociação com o FMI. Uma reunião com o Clube de Paris já está marcada para o dia 28 de julho, no Hotel Majestic, com duração prevista de dois dias, para apresentação do resultado final das negociações de reescalonamento parcial de uma dívida total de US\$ 18 bilhões com a instituição.

Hoje, o ministro Mailson da Nóbrega deverá avistar-se com o ministro da Economia da França, Pierre Berégovoy, mas antes toma café da manhã com o presidente do Clube de Paris, Jean Claude Trichet, e depois almoça com banqueiros. Do programa do ministro brasileiro faz parte também uma reunião separada com o presidente do Crédit Lyonnais, Jean Maxime Leveque, banco que representou os demais franceses no comitê de Nova York.

Mailson da Nóbrega poderá ouvir críticas de seu colega francês ao crescente protecionismo brasileiro. Uma posição mais aberta e liberal do Brasil nessa área poderá levar o governo francês a reafirmar sua boa vontade atual nas negociações que estão sendo abertas com o Clube de Paris.

Todos os grandes bancos franceses envolvidos com a dívida comercial brasileira estão muito satisfeitos com os termos do recente acordo firmado nos Estados Unidos, razão pela qual nenhum deles acredita que o País terá grandes dificuldades para reescalonar sua dívida pública ou garantida pelos governos com o Clube de Paris.

Ainda na semana passada, numa reunião entre banqueiros e integrantes do Tesouro francês, responsáveis pela secretaria do Clube, as autoridades financeiras francesas manifestaram aos representantes dos bancos muita compreensão em relação ao problema brasileiro, após ter o País concluído um acordo com os bancos privados.

CONCORRÊNCIA

Mas nem tudo constitui um "mar de rosas" para o governo brasileiro. Importante fonte do próprio gabinete do ministro de Economia da França informou que no encontro com Mailson da Nóbrega, esta manhã, em Paris, o ministro Pierre Berégovoy não vai perder a ocasião para criticar o crescente protecionismo brasileiro, que tem prejudicado bastante as exportações francesas. A mesma fonte acrescentou que o Brasil é um concorrente em vários mercados, principalmente na África e no Oriente Médio.

O Brasil possui hoje importante excedente comercial, mas comete o erro, na sua opinião, de não dialogar mais frequentemente com os países europeus, privilegiando o seu principal cliente e fornecedor, os Estados Unidos, enquanto "nós europeus permanecemos relativamente marginalizados". A mesma fonte vai mais adiante dizendo que é impossível



ter relações normais com o Brasil enquanto perdurar essa situação.

Assim sendo, a passagem de Mailson da Nóbrega pela França deve ser vista sob dois ângulos. Neste momento, os grandes bancos franceses estão desenvolvendo esforços para convencer os pequenos, sempre os mais reticentes, a

aceitar também as recomendações do comitê de bancos. Ainda ontem, uma fonte do BNP, banco bastante envolvido com a dívida brasileira, classificava como "muito bom" o acordo com os bancos, convencido de que o País está recuperando sua imagem externa junto à comunidade financeira.

Mailson sai satisfeito de Londres

JOSÉ CARLOS SANTANA
Correspondente

LONDRES — O ministro Mailson da Nóbrega, da Fazenda, deixou Londres no final da tarde de ontem e seguiu para Paris, segundo disse, satisfeito com os resultados das conversações que manteve com os banqueiros britânicos sobre o pacote financeiro negociado em Nova York, e com uma promessa de apoio da Grã-Bretanha ao empréstimo-ponte solicitado ao Clube de Paris, de aproximadamente US\$ 500 milhões.

Na entrevista rápida que deu aos correspondentes brasileiros, na sede do Banco do Brasil, Mailson disse que apenas dois dos 14 países que integram o Clube de Paris ainda não se pronunciaram sobre a questão do empréstimo, mas que espera um anúncio oficial da posição do Clube — "positiva" — para os próximos dias.

Quanto aos banqueiros e à reação deles ao pedido de mais um empréstimo de US\$ 5,2 bilhões, incluído no programa de reescalonamento de US\$ 62 bilhões da dívida brasileira com os bancos comerciais, o ministro admitiu a existência de dificuldades no processo de adesão ao pacote, e confessou que até mesmo instituições poderosas, como o National Westminster Bank, demonstraram certa resistência à idéia de fornecer dinheiro novo ao Brasil.

CONSELHO DE MINISTRO

Mailson da Nóbrega começou seu dia de trabalho reunindo-se com um grupo de jornalistas ingleses na residência do embaixador Celso Souza e Silva. Entre eles estava um dos editores do jornal Financial Times, que ontem publi-

cou na primeira página uma reportagem, bastante longa, dizendo que o Brasil estaria disposto a pagar todos os juros atrasados de sua dívida com os bancos comerciais até o final deste mês, como parte dos esforços do governo para obter apoio para o programa de reescalonamento dos seus débitos. O diário inglês mencionou também uma suposta divergência entre o presidente José Sarney e o ministro da Fazenda com relação a uma proposta de congelamento dos preços.

Depois da conversa com os jornalistas, Mailson seguiu para o Ministério do Tesouro, onde reuniu-se com seu colega Nigel Lawson. Ao contrário do que aconteceu quando o ministro Dilson Funaro passou por Londres, depois da decretação da moratória dos juros, o encontro transcorreu numa "atmosfera amigável e descontraída".

O ministro recebeu muito bem minhas explanações — comentou o ministro brasileiro — e disse que considera o programa econômico do Brasil "sadio".

Mailson disse que a maior preocupação que notou entre os banqueiros britânicos foi com a reação da sociedade brasileira, ou com o apoio que o governo teria nos diversos setores da população para implementar o programa econômico negociado com o FMI e com os bancos credores.

Às 6h30, depois de um encontro com o presidente do Banco da Inglaterra, Robert Leigh-Pemberton, que demorou mais que o previsto, o ministro da Fazenda embarcou num avião da British Airways rumo a Paris. Ele irá ainda à Alemanha Ocidental e Itália.